

# OS ESPELHOS

Ecila Yleus

*A primavera e o espelho inteiro,  
O mato, o cheiro do mato, o orvalho,  
A terra molhada, o capim amassado,  
O estrume das vacas. O espelho? Amarrado.  
Um mundo primitivo e um espelho amigo.  
Tão ingênuo, eu e ele, no canto da sala da parede.  
Fui prego no desejo do espelho,  
Um mundo dominou-me com voz de comando.  
Os grãos de café, vermelhos, avermelhados,  
Verdes, amarelados, quase negros, cereja  
Avivam a voz que dá às ordens  
E Orquestram o mundo em acordes.  
O grande espetáculo, eu ele, um diante do outro,  
O espelho me olhando atravessado.  
As cores novas no brilho da fase fresca perdem a firmeza.  
Primeiras quebras das certezas e do quadro inacabado.  
As cores da minha primavera foram-se desbotando.  
Cultivar os seus jardins de acácias, tulipas,  
Saborear gordas jabuticabas, mangas, carambolas  
Na inquietude das noites foram sentimento de terno encanto,  
Ao Contemplar a riqueza das horas em minúncias,  
Contando as estrelas e os pirilampos,  
Ou olhando nos olhos dos morcegos, das corujas  
O sabor negro de suas dúvidas,  
Despertou os vultos da noite, o sono, o corpo e o espelho.  
Por muitas vezes o espelho embasava o amanhecer,  
Mas o frescor saudável das madrugadas,  
O leite espumante na porta de casa pareciam buscar  
o mugido das vacas, agarrar o dia pelas ventas  
E dizer: chega de correr estrada afora.  
Entre a aurora dos anos fiquei a sorver*

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/os-espelhos>